

A Produção do Conceito de Infância: Aspectos Sociais e Históricos

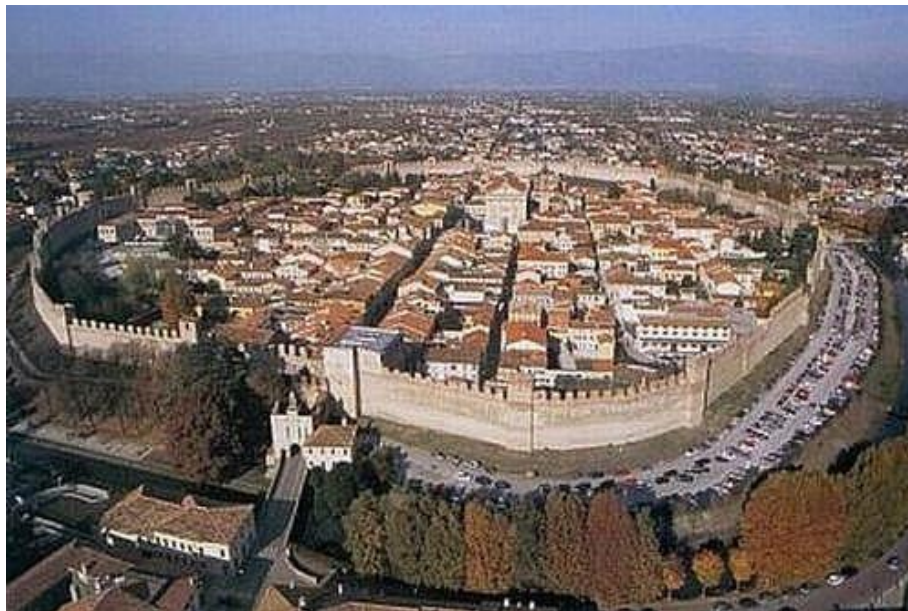
Janete Mandelblatt*

2ª parte

A passagem para a Idade Moderna e o despontar do sentimento de infância

No final do século XV o mundo passou por importantes modificações: as Grandes Navegações e o conseqüente surgimento de novos mercados, novos produtos e novas formas de fazer comércio, gerando o que ficou conhecido como Revolução Comercial, o desenvolvimento científico, a invenção da imprensa, os novos acordos e alianças políticas, o nascimento da burguesia etc.

Com o surgimento das rotas comerciais, os mercadores enriquecidos, como forma de proteção, começaram a construir cidades protegidas por muralhas, conhecidas como **burgos**. Os burgos abrigavam também os camponeses que deixavam os **feudos** e buscavam refúgio nessas fortalezas. Assim, originalmente o termo **burguês** era usado para se referir a estas pessoas que residiam nos burgos. Aos poucos, porém, o termo passou a ser usado para designar todos aqueles que se dedicavam às atividades comerciais com o objetivo de lucro e, com isso, desfrutavam de uma situação econômica mais confortável.



*Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Professora Associada do Departamento de Educação Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES

A prática comercial visando o lucro foi, por muito tempo, condenada pela Igreja Católica, a maior potência da época, e vista como desonesta do ponto de vista ético. Mas mesmo com essa forte crítica, o comércio teve um crescimento extraordinário, desencadeando a passagem do modo de produção feudal, o **feudalismo**, para o modo de produção capitalista. E fez despontar, também, uma nova classe social: a **burguesia**.

Em relação às Artes e à Filosofia, o período ficou conhecido como **Renascimento** ou **Renascença** em virtude de ter sido uma época de retomada dos valores greco-romanos e das referências culturais da Antiguidade que tinham sido abandonados durante a Idade Média. A retomada da cultura clássica, disseminada através da recém-inventada imprensa, fez o homem alterar seus conceitos de interpretação do mundo, gerando novos questionamentos.

Desencadeou-se, então, na Europa um movimento conhecido como **Humanismo**, centrado no homem e visando a secularização do saber, isto é, procurando desvesti-lo da parcialidade religiosa para torná-lo mais propriamente humano. Com isso, o olhar do homem desviou-se do céu para a terra, ocupando-se mais com as questões do cotidiano e com redobrado interesse pelo corpo e pela natureza.

Com todas essas mudanças, a vida cultural deixou de ser totalmente controlada pela Igreja Católica e a arte tornou-se mais laica, incluindo tanto personagens bíblicos quanto elementos da mitologia greco-romana.



Sandro **Botticelli** (Florença, Itália, 1445-1510) - *O Nascimento de Vênus*, cerca de 1485.

Dentro desse novo contexto, em que as famílias começaram a viver menos na rua e, de forma mais fechada, cada uma em sua casa, gradativamente a criança passou a ser valorizada em si mesma, e a natureza infantil, agora vista de forma diferente da natureza do adulto, veio a ser compreendida como frágil e incompleta, precisando, portanto, ser atendida, zelada e vigiada pelos mais velhos. E, a partir daí, o local considerado como o melhor para que ela pudesse ser cuidada e educada foi o colégio, instituição fundada pelas ordens religiosas.

Houve, então, uma proliferação de colégios e de manuais para alunos e professores. Enquanto os muito ricos ou da alta nobreza continuavam a ser educados por preceptores em seus próprios castelos, a pequena nobreza e a burguesia encaminhavam seus filhos para a escola, na esperança de melhor prepará-los para a liderança e a administração da política e dos negócios. Já os segmentos populares, em geral, não tinham seus interesses pela educação levados em conta.



O Professor e seus alunos. Iluminura do século XIII (Bibliothèque Sainte Geneviève, Paris, MS 2200, folio 58).

Daí em diante, com a expansão dos colégios, foi-se substituindo paulatinamente a relação mestre-aprendiz pela de professor-aluno como meio de educação e criando, nos colégios, um ambiente segregado e “protegido das más influências do mundo”.

Assim, a criança, inicialmente da nobreza e da burguesia ascendente desejava de alcançar postos na administração pública, foi deixando de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles, passando a ser separada e

mantida a distância antes de ser solta no mundo. Surgia, desse modo, **o sentimento de infância** (isto é, a consciência da distinção essencial entre criança e adulto), abrangendo inicialmente apenas os meninos, que foram primeiro para os colégios.

As meninas permaneceram por mais tempo no estilo de vida tradicional, continuando a ser misturadas aos mais velhos. Até o início do século XVIII elas eram excluídas da escola, treinadas para que se comportassem desde cedo como adultas, casando-se aos 12, 13 anos. Além da aprendizagem doméstica, as meninas não recebiam nenhuma outra educação. As mulheres mal sabiam ler e escrever.



A separação das crianças, inicialmente dos meninos, pode ser interpretada como uma das faces do grande movimento de moralização dos homens promovido pelos reformadores católicos ou protestantes ligados à Igreja, às leis ou ao Estado. Mas esse movimento não teria sido possível sem a cumplicidade da família, que começou a dar uma importância maior à criança, tornando-se impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor. A família tornou-se, assim, o lugar de uma afeição necessária entre seus membros, fazendo nascer a preocupação dos pais de vigiar seus filhos e a decisão de não entregá-los mais, nem mesmo temporariamente, aos cuidados de outra família.

O surgimento do afeto entre pais e filhos propiciou, dessa forma, um olhar mais de perto sobre a criança. Esse olhar, por sua vez, levou à percepção da natureza infantil

como frágil e incompleta, legitimando o adulto a exercer uma autoridade constante sobre as crianças. E a fim de protegê-las de “más influências”, elas passaram a ser submetidas a uma severa disciplina, inclusive com castigos corporais, aplicados tanto pela família quanto nas escolas, onde a meta não se restringia à transmissão de conhecimentos, abrangendo também a formação moral.

O regime de estudo nessas instituições era rigoroso e extenso, persistindo a educação formal de gramática e retórica, como na Idade Média. Mas cabia, também, à educação escolar disciplinar e inculcar regras através da ação direta do adulto e da permanente transmissão de modelos para a correção desse **ser frágil, amoral, de natureza incompleta e naturalmente corrompido ou corrompível**.

Apesar de a implantação da maioria dos colégios ter ficado por conta das ordens religiosas, também havia escolas particulares, leigas, especialmente na França, Alemanha, Países Baixos, Inglaterra e Itália. Nessas instituições, onde a disciplina era menos rude e intolerante, havia cursos de arte e de esportes da época, e a formação intelectual era voltada para a cultura humanística, com especial atenção ao ensino do grego e do latim.

FONTES:

ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARANHA, M. L. A. *História da Educação*. 2ed. São Paulo: Editora Moderna, 2001.